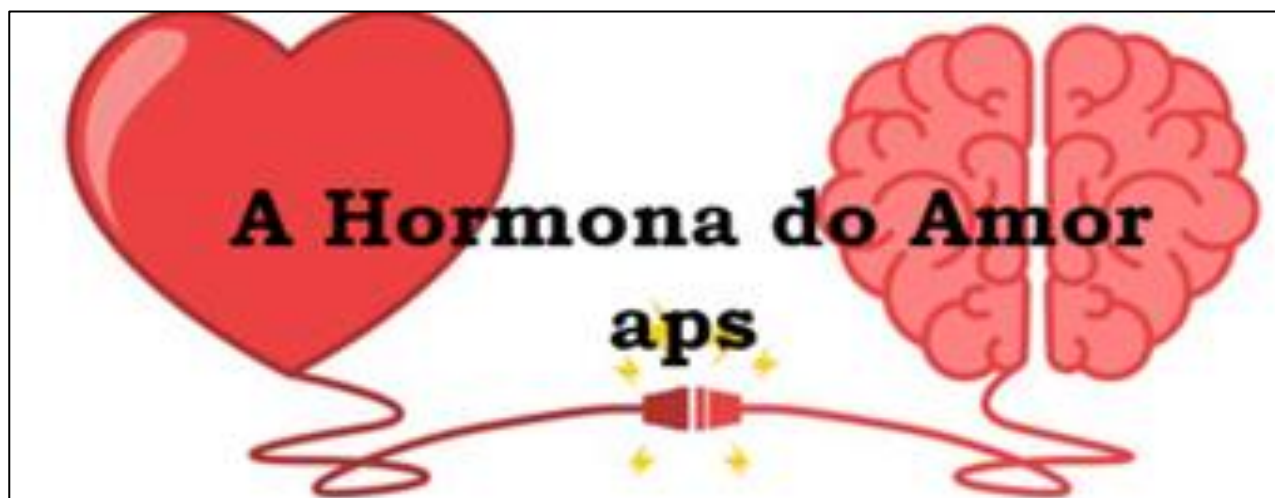


PAZ – AMOR – TRABALHO

Bolçtim Informativo

**Associação Cultural Espírita
Mudança Interior**

Julho 2020 | Ano 13 | Número 151



Ficha Técnica

Propriedade

ACEMI- Associação Cultural

Espírita Mudança Interior

Avenida Vale do Caima, 602

R/C Ed. Habicambra

3730-202 VALE DE CAMBRA

Telefone: 256 403 021

E-mail:

mudanca.interior@gmail.com

Impressão: Lito Pinho

Coordenação: Arminda Santos

Redação e Colaboradores

aps

António Soares

Arlindo Pinho

Arminda Santos

Carina Quental

Luzia Matos

Periodicidade

Mensal



A chamada hormona do amor, a oxitocina, tem um efeito no comportamento comparável à de bebidas alcoólicas. Esta hormona, produzida no hipotálamo, é conhecida por ter um papel importante em determinar as nossas interações sociais e reações a parceiros românticos.

A oxitocina estimula comportamentos como altruísmo, generosidade e empatia, deixa as pessoas mais abertas a confiarem em outras. A hormona remove algumas barreiras que funcionam como inibidores sociais: medo, ansiedade e stresse.

Colocando ao contrário: as bebidas alcoólicas têm um efeito no comportamento comparável à da oxitocina; será que aquele copo excedente é a reprodução fácil de um estado que queremos e de outro modo não temos? Será o álcool a/o amante que não existe?

Preste-se atenção ao seguinte texto de Olivier Juilliard:

«É que tudo se passa como se, na prodigiosa aventura que arrasta para um máximo de cientificidade, de eficácia, de produtividade e de segurança, a civilização perdesse progressivamente a

recordação das suas atitudes primitivas, da sua angústia original, do seu primeiro desejo.

Excerto do artigo *A Corrida à Alma. 1-As Drogas*, Em *O Livro dos Poderes do Espírito*, coordenação de Louis Pauwels e Jean Feller.

Não se trate de justificar – mesmo de autorizar – o abuso dos psicotropos em nome do uso mais ou menos sagrado que deles fizeram os nossos antepassados e que deles fazem ainda várias sociedades menos cientificamente desenvolvidas do que a nossa, mas apenas de se perguntar se o domínio do mundo e de si próprio, que toda a sociedade implicitamente persegue, não implica um tal recurso aos modificadores de consciência e à sua capacidade e oferecer ao espírito dos fenómenos desconhecidos possibilidades imprevisíveis, a imagem ou a ilusão de um poder insuspeitado.

Ainda mais, é possível marcar no uso atual destes produtos – uso quase sempre liberto daqui em diante de rigorosas implicações religiosas – uma espécie de reação, senão uma luta contra a racionalidade científica dominante: reação confusa e um tanto ambígua contra uma lógica quantitativa acusada de destruir os elementos mais diretamente perceptíveis e assimiláveis do real.

Neste sentido, ver-se-á que dos estupefacientes mais violentos aos álcoois sofisticados da nossa época, uma mesma compulsão arrasta o comportamento do homem, porque se trata ainda e sempre deste «algures» que assombrava Baudelaire, drogado e maldito; trata-se ainda de encontrar um «novo» suscetível de trazer ao espírito um espanto de si mesmo, dos seus poderes, das suas fraquezas, dos perigos que sabe suscitar-se, como dos prazeres de que sabe deleitar-se.»

Será o uso de drogas psicoativas uma enviesada procura de espiritualidade? Obviamente é uma má resposta, perante a outra má resposta das religiões.

Seja como for, FX teve uma epifania de juízo e deixou *ab abrupto* o álcool e as drogas. Deixar um vício é uma questão de querer, de vontade – é só cismar, como dizia um amigo de boa memória. Quando começa a “bater mal” FX vem ao passe para não cair em tentação. Já de FY ninguém sabe o que esperar. Que possa ter uma epifania como a de FX é possível, mas as probabilidades são muito baixas. Vir ao passe sob o efeito de drogas é perder a deslocação.



A INVEJA

Arminda Santos

A inveja é uma fraqueza moral que perturba as possibilidades de luta do ser humano. Ao invés de se empenhar na sua auto-valorização, a pessoa invejosa deseja o insucesso do outro. Proveniente de enviesamentos e atavismos inferiores, a inveja é uma fraqueza moral, que perturba as possibilidades de luta do ser humano.

A pessoa invejosa, trabalha por inveja, para competir, sobressair, destacar-se. Não tem ideal, nem respeito pelas pessoas e pelas suas árduas conquistas. O invejoso, é um indivíduo egocêntrico que não conseguiu sair da infância psicológica e pretende ser o único centro de atenção e o credor de todos os cultos e referências.

A inveja resulta da indisciplina mental e moral que não considera a vida como património divino para todos, desejando-o apenas para si própria. Ela descarrega correntes mentais prejudiciais dirigidas às suas vítimas, que somente as alcançam se elas estiverem em sintonia.

Porém, os danos atingem sempre o invejoso, perturbando-lhe a atividade e o comportamento. Mas, a inveja pode ser curada. Inicialmente, a terapia consiste numa cuidadosa reflexão do eu profundo, avaliando os recursos de que dispõe e considerando que a sua realidade é única, individual, não podendo ser medida nem comparada com outras, em razão do processo da evolução de cada um.

Cultivar a alegria, é um dos recursos para alcançar novos patamares motivando o despertar do amor a si mesmo, ao próximo e a Deus, como meio e meta para alcançar a saúde ideal, que lhe facultará a perfeita compreensão dos mecanismos da vida e as diferenças entre as pessoas, formando um todo holístico na Grande Unidade.

*Dai gratuitamente o que
gratuitamente recebestes*



Luzia Matos

Abordando o tema nas diretrizes certas e procurando o entendimento numa visão ampla e direta, vamos tratar aqui, da moral e da ética perante as leis de Deus que norteiam a moral e a ética dos Espíritas:

Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, foi muito claro quando tratou desse tema. Segundo ele, os médiuns devem conceder ao exercício da faculdade mediúcnica seu tempo livre, seus momentos de lazer, sem pretender com isso obter nenhuma recompensa de ordem material.

Essa orientação continua mais atual do que nunca, visto que a mediunidade, no sentido com que o Espiritismo a apresenta, jamais poderá ser transformada em profissão ou fonte de renda.

“Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Daí gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”.(Mateus, 10: 8)

As leis de Deus são eterna, imutáveis, infinitas e universais. Na mesma direção, a moral e a ética Espíritas não podem ser relativizadas, devendo seguir a principal recomendação: ninguém se faça pagar daquilo que nada pagou.

No Evangelho de Mateus, o que os discípulos haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé. Jesus recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação ou meio de vida. A misericórdia de Deus, a crença, a fé, o consolo, o alívio e a cura não estão à venda.

A moral envolve valores que regem o comportamento diante das normas instituídas pela sociedade ou pelo grupo social, determinando o sentido moral de cada indivíduo em suas relações saudáveis e harmoniosas. Busca o bem-estar social.

“a moral é a regra do bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus”. (KARDEC. O Livro dos Espíritos)

“o bem é tudo o que é conforme a lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus; fazer o mal é infringi-la”. (KARDEC. O Livro dos Espíritos)

No Livro “A Gênese”, de Allan Kardec, na parte acerca da origem do bem e do mal, “se o homem fosse criado perfeito, fatalmente seria levado para o bem. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso, e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que dele tenha o mérito, da mesma maneira que a responsabilidade do mal que é praticado por sua vontade”. (KARDEC. A Gênese)

“Como o homem tem que progredir, os males aos quais está exposto são um estímulo para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o à procura dos meios de se preservar deles. Se ele não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o levaria à busca do melhor; ele se entorpeceria com a inatividade de seu espírito; não inventaria nada, não descobriria nada. A dor é o aguilhão que compele o homem a avançar na estrada do progresso”. (KARDEC. A Gênese)

O Evangelho de Jesus é o Código Moral dos cristãos, que se fundamenta na Lei de Deus, e a moral que a Doutrina Espírita ensina é a de Jesus Cristo, razão que não há outra melhor. Nesse sentido, a moral Espírita deve ter o mesmo referencial.

As orientações morais fornecem subsídios para a construção e aplicação de normas de conduta, coletivas e individuais, subsídios que podem ser utilizados pelo ser humano, independentemente dos seus costumes, religião e tradições.

Por esse motivo, a moral é sempre interpretada como o bem, como tudo que promove a melhoria integral do homem, ajustando-o à realidade da vida, independentemente de religião e crença, ou até mesmo na ausência destas, tornando-se uma pessoa de bem.

Entretanto, para ser efetivamente bom, o ser humano precisa vivenciar a Lei de Amor: o bem é tudo o que é conforme a Lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta.

A consciência moral decorre da estruturação do mundo moral no íntimo do ser, pois o indivíduo moralizado é alguém que considera o sentido da vida dentro de um contexto maior, que não se resume apenas ao atendimento às necessidades de sobrevivência biológica da espécie.

Enfim, para que um ato seja considerado efetivamente moral é necessário que seja voluntário, espontâneo, livre, consciente, intencional, jamais imposto. Revestido dessas características, o ato moral apresenta responsabilidade e compromisso.

Responsável é aquele que responde pelos seus atos, isto é, a pessoa consciente e livre assume a autoria do seu ato, reconhecendo-o como seu e respondendo pelas suas consequências.

A Ética Espírita compreende o agir de acordo com a Doutrina Espírita, que se baseia na Lei de Deus, nos ensinamentos de Jesus Cristo e na moral Espírita, na prática do bem.

A ética sintetiza regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, grupo ou sociedade. Busca fundamentar o modo de viver e agir. Deste entendimento, é possível definir regras e prescrições que determinam o comportamento e as condutas, consideradas válidas para um grupo, uma comunidade ou para um indivíduo.

Enquanto a moral trata dos valores, que devem fundamentar o comportamento coletivo e individual, a ética cuida da sua aplicabilidade, por meio de normas e regras que regulam as relações humanas. Pode-se dizer, então, que se a moral atinge todas as culturas, em qualquer época, por serem princípios universais, a ética se constitui de regras específicas definidas para uma sociedade ou grupos.

O “dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes” está inserido no contexto da moral e da ética cristã, regulando o comportamento e norteando os atos de seus seguidores.

Quanto à gratuidade das curas das enfermidades e dos alívios dos sofrimentos, Deus quer que a luz chegue a todos. Não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição porque sou pobre.

A mediunidade é conferida gratuitamente por Deus para alívio dos que sofrem, não podendo ser empregada comercialmente.

O médium que exerce sua faculdade segundo o Cristo, sem interesses materiais ou egoístas, recebe a correspondente recompensa espiritual. A única moeda que o Criador acolhe como câmbio é o amor ao próximo.

As qualidades dos bons Espíritos são: bondade, benevolência, simplicidade de coração, amor ao próximo e desprendimentos das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: orgulho, egoísmo, inveja, ciúme, ódio, sensualidade e todas paixões pelas quais o homem se apega à matéria.

A mediunidade não é arte, nem talento, pelo que não pode tornar-se profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Explorar alguém a mediunidade é dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga.

Assim, é no exercício da mediunidade com Jesus e na aplicação dos seus valores a benefício do próximo e em nome da caridade que o ser atinge a plenitude das suas funções e faculdades, convertendo-se em bênçãos, semeador da saúde espiritual e da paz: “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”

Boa leitura, muita saúde a todos, até uma próxima.



São muitas as pessoas que consideram a mediunidade um fenómeno dos tempos de hoje, enquanto outras acreditam ser uma criação do Espiritismo. No entanto, a fenomenologia mediúnica, sempre existiu desde o aparecimento do homem no planeta, pois é uma faculdade inerente ao homem. A crença na imortalidade da alma e nas comunicações entre os vivos e os mortos é de todos os tempos. Estudando algumas culturas e religiões, encontram-se em arquivos antigos vastíssimas provas, que demonstram que desde épocas remotas da história da humanidade, era praticada a evocação dos mortos.

Assim, nas comunidades primitivas, a prática de rituais envolvendo a *“adoração dos antepassados”*, são um inegável indício de que eram estabelecidos contactos com os espíritos dos mortos.

Outro grande exemplo da relação que existia na antiguidade entre o mundo corporal e o mundo espiritual, é o *“Código dos Vedas”*, livro sagrado do hinduísmo, escrito entre 1300 a 1000 a.c., o mais antigo código religioso que assinala a existência dos espíritos; (espíritos dos antepassados em estado invisível, acompanhando brâmanes (sacerdotes hindus), convidados para a cerimónia da comemoração dos mortos, e tomando posições a seu lado quando estes se sentam).

Desde tempos longínquos o povo chinês praticava a evocação dos espíritos dos seus ancestrais.

No antigo Egito, os sacerdotes eram tidos e conhecidos como pessoas com poderes sobrenaturais, tudo devido a suas faculdades mediúnicas. Mesmo que à mediunidade acrescentassem certas práticas como a magia e a prestidigitação, eram já conhecedores do magnetismo, do sonambulismo, curavam através do sono provocado, usavam a clarividência para fins terapêuticos e praticavam a cura através da hipnose.

No tempo de Ramsés II, o sacerdote Amenophis, **(segundo pesquisas, terá sido uma das reencarnações de Denizard Rivail)** que era o seu predileto, além de todos esses conhecimentos era também um médium de efeitos físicos, pois existem relatos sobre sessões de materializações já naquela época.

Na Suméria a medicina era uma mistura de ervanária e magia, que consistia basicamente para exorcizar os espíritos maus, os quais para os sumérios eram a causa de todas as moléstias e desgraças.

Os babilônios viviam rodeados de superstições. Eles acreditavam que exércitos de espíritos maus operavam na escuridão, espalhando terror e destruição, os quais teriam de ser aplacados com sacrifícios e magias.

Os Celtas, povo que viveu entre os séculos XXI e I a.c., possuíam grupos de sacerdotes preparados para comunicações com o além, chamados de *“druidas”*, **(Allan Kardec, sacerdote druida, uma reencarnação de Denizard Rivail, daí o pseudônimo de Allan Kardec o codificador da doutrina espírita)**. A sabedoria druídica admitia já naquele tempo a reencarnação, a não existência de penas eternas, o livre-arbítrio, a imortalidade da alma, a lei de causa e efeito e as esferas espirituais (subdivisões vibratórias do mundo espiritual).

Mas nenhum povo da antiguidade deixou mais marcas de fenômenos mediúnicos do que o povo hebreu. A tão conhecida proibição de Moisés à evocação dos mortos, é uma das mais evidentes confirmações da existência da mediunidade, pela qual se comunicavam com os espíritos.

No livro de Daniel (5:5) é narrado um caso de escrita direta durante um banquete oferecido pelo rei Baltazar filho de Nabucodonosor, pois a um dado momento foi visto pelo próprio rei uma mão que escrevia na parede do palácio real.

Casos de levitação e de materialização descritos no livro de Ezequiel (3:14) e (8:2).

No livro de Jeremias (39:15) assiste-se a um fenómeno de incorporação.

As ocorrências de vidência narradas no livro de Daniel (8:15) e (10:5).

Mas talvez o fenómeno com mais significado de materialização, foi o de Moisés recebendo a tábua dos dez mandamentos. Manifestação de uma vontade superior com a finalidade de despertar a moral dos povos.

Tanto no velho como no novo testamento, encontramos uma série de fenómenos mediúnicos, desde a intuição ou percepção, psicofonia, escrita direta, materialização, levitação, a aparições de anjos (espíritos superiores) e outros espíritos como por exemplo aqueles que se manifestaram a Maria Madalena no sepulcro de Jesus.

Jesus levando consigo Pedro, Tiago e João, subiu ao monte e aí se transfigurou diante deles; o seu rosto brilhava como o sol, e suas vestes eram brancas como a luz, e a seu lado encontravam-se Moisés e Elias. Duma nuvem luminosa saiu uma voz que dizia: *“Este é o meu filho muito amado em quem me comprazo, escutai-o”*.

Evidências claras da presença espiritual na história:

O filósofo grego Sócrates dizia que era orientado constantemente pelo seu guia espiritual. *“Desde minha infância, graças ao favor celeste, sou seguido por um ser quase divino, cuja voz me interpela a esta ou aquela acção”*.

Paulo de Tarso, ás portas de Damasco teve uma visão de Jesus em perfeita configuração luminosa, convertendo-se a partir daí, tornou-se num grande apóstolo e mensageiro da palavra de Jesus.

O apóstolo João, mostra-nos a realidade da comunicação entre os dois mundos ao alertar-nos sobre as qualidades morais daqueles que se manifestam; *“Não creiais em todos os espíritos, mas examinai se os espíritos são de Deus”*. (João 4:1)

César, o grande imperador romano, foi informado pela pitonisa Spurina, que no dia 15 de Março algo de muito grave aconteceria na sua vida. Precisamente nessa data César ao entrar no palácio foi apunhalado com 23 golpes morrendo de imediato.

Também Nero, outro imperador, nos últimos dias do seu reinado viu-se fora do seu corpo carnal (desdobramento), junto de Agripina sua mãe e de Otávia sua esposa, as quais tinham sido assassinadas por sua ordem, que lhe anunciaram a queda no abismo.

Joana D'Arc, desde muito nova sentia vozes no silêncio da floresta, as quais a incentivavam para se voltar a Deus e defender a França. Orientada por essas vozes, reorganizou o exército e conduziu Carlos VII ao trono. Porém seu triunfo gerou intrigas e invejas, foi perseguida como herege e condenada pela inquisição por não querer negar que as vozes que ouvia eram os espíritos.

Tanto no velho como no novo testamento, encontramos uma série de fenómenos mediúnicos, desde a intuição ou percepção, psicofonia, escrita direta, Entre as manifestações espirituais de épocas mais recentes, encontramos as de Emmanuel Swedenborg, que a partir do ano de 1744 até ao seu desencarne, teve visões da vida no Plano Espiritual, relatando-as em diversos livros.

A revolução francesa de 1789, criou mais abertura em variados campos entre os quais o religioso e no século seguinte ocorreram manifestações espirituais em vários países. Destacam-se os factos ocorridos na igreja presbiteriana do pastor Edward Irving em 1831: manifestações de xenoglossia (falar diversas línguas sem as conhecer) e de profecias. Realçam-se também no ano de 1840 na Alemanha, os fenómenos mediúnicos produzidos através do médium inconsciente Gottliben Dittus.

Em 1847, Alphone Cahagnet, célebre magnetizador francês, editou o livro (Arcanos da vida futura desvendados), fruto de várias comunicações dos espíritos através da médium sonambúlica Adele Maginot.

Andrew Jackson Davis, célebre médium americano, que a partir do ano de 1844 entrava em transe, respondendo e perguntas e fazendo diagnósticos médicos através de sua clarividência. Recebia informações dos espíritos Galeno ,

(médico grego que viveu nos anos 130-200 d.c.) e Swedenborg, seus mentores, que o ajudaram a escrever variados livros de grande interesse moral e intelectual.

Apesar de sua pobre cultura escolástica, na sua mediunidade falava várias línguas entre as quais o hebraico, mostrava grandes conhecimentos de geologia, arqueologia histórica e bíblica, assim como debatia grandes temas linguísticos e sociais. A 31 de Março de 1848 ouviu uma voz que lhe dizia: *“irmão, foi dado início a um bom trabalho; contempla a demonstração que surge”*.

Não entendendo o significado da mensagem, desconhecia que na noite desse mesmo dia, em Hydesville, as irmãs Fox, conversavam através de batidas, com o espírito de uma pessoa que tinha sido assassinada naquela mesma casa.

A seguir a Hydesville, iniciaram-se os fenómenos das mesas girantes um pouco por toda a Europa, que trouxeram novas perspectivas de mediunidade, e que no ano de 1854 chegaram ao conhecimento do professor Hyppolyte Leon Denizard Rivail, que viria mais tarde a adoptar o pseudónimo de *“Allan Kardec”*, o qual se propõe a aprofundar o conhecimento de tais fenómenos.

De Kardec aos dias de hoje, muito se tem estudado acerca da mediunidade, muito embora alguns teimem em manter vivos certos conceitos hereditários, oriundos de outros tempos, por falta de estudo e de conhecimento. Mas a Espiritualidade Maior não se cansa de nos ensinar e a Providência Divina não nos deixa sem a ajuda necessária ao nosso crescimento espiritual, dando-nos para isso uma grande colheita mediúnica no campo literário através de médiuns, tais como; Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Ivone A. Pereira, e tantos outros.

Para concluir tiramos um pequeno trecho de Kardec (Prolegômenos, o livro dos Espíritos)

“As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo, estão na ordem natural das coisas e não constituem facto sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas”